

XIII ENCONTRO INTERNACIONAL DE DIREITOS CULTURAIS

PATRIMÔNIO CULTURAL E MOVIMENTOS SOCIAIS: O CASO DA LUTA DA
SOCIEDADE DOS AMIGOS DO JACARECANGA (SAJA) - (1994 – 2012)

CULTURAL HERITAGE AND SOCIAL MOVEMENTS: THE CASE OF THE FIGHT
OF THE SOCIEDADE DOS AMIGOS DO JACARECANGA (SAJA) - (1994 – 2012)

Lennon Martins Sousa¹

RESUMO // RESUMEN

Este artigo tem como objeto de estudo o bairro Jacarecanga, mais especificamente o processo de reconhecimento do referido espaço como bem de relevante interesse cultural para a cidade de Fortaleza. O recorte temporal será o período de 1994 a 2012. A escolha de 1994 deve-se pelo fato de as fontes nos atestarem que neste ano começa uma “luta” em defesa do patrimônio arquitetônico do espaço, indicando que houve um movimento de alguns moradores dali para formarem uma associação preocupada na preservação do acervo arquitetônico do espaço, culminando na formação da Sociedade dos Amigos do Jacarecanga (SAJA). Já a escolha do ano de 2012 se explica por se tratar do ano que, de forma oficial, o referido espaço, por meio da Coordenação de Patrimônio Histórico da Secretaria de Cultura de Fortaleza (Secultfor), teve seu conjunto arquitetônico considerado como bem de relevante interesse cultural para a cidade.

Palavras-Chave: Patrimônio Histórico. Movimentos Sociais. Preservação. Bairro. Jacarecanga.

ABSTRACT

This article's object of study is the Jacarecanga neighborhood, more specifically the process of recognizing said space as an asset of relevant cultural interest for the city of Fortaleza. The time frame will be the period from 1994 to 2012. The choice of 1994 is due to the fact that sources attest to us that in this year a “fight” began in defense of the architectural heritage of the space, indicating that there was a movement of some residents there to form an association concerned with preserving the space's architectural heritage, culminating in the formation of the Society of Friends of Jacarecanga (SAJA). The choice of the year 2012 is explained because it is the year in which, officially, the aforementioned space, through the Coordination of Historical Heritage of the Secretariat of Culture of Fortaleza (Secultfor), had its architectural complex considered as a relevant asset. cultural interest for the city.

KEYWORDS: Historical Heritage. Social Movements. Preservation. Neighborhood. Jacarecanga.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Espacialidades (PPGHCE), pela Universidade Estadual do Ceará. Graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em Metodologia do Ensino de História do Brasil e do Ceará pela Faculdade Padre Dourado e especialista em Direitos Humanos e Movimentos Sociais pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI.

XIII ENCONTRO INTERNACIONAL DE DIREITOS CULTURAIS

INTRODUÇÃO // INTRODUCCIÓN

Ao trabalharmos o bairro Jacarecanga no recorte temporal de 1994 a 2012, tendo como marco inicial a fundação de uma associação que “lutará” em defesa da memória do espaço e tendo o seu término em 2012 quando é publicada no Diário Oficial da Prefeitura de Fortaleza uma declaração que protege o conjunto arquitetônico do referido espaço, percebe-se que este local teve um processo histórico relevante para a cidade de Fortaleza. Mas que processo foi esse? Por que o Jacarecanga? Por qual motivo que da década de 1990 em diante, a Associação e antigos moradores começam a tomar consciência de se preservar os bens edificados?

Entende-se o bairro como um espaço que apresenta um relevante caráter histórico alicerçado em suas origens, ocupação e formas de uso de seu espaço, mas a historiografia a respeito destes ainda é, infelizmente, pouco abordada. No caso de Fortaleza, as poucas produções são, muitas vezes, fruto da insistência e curiosidade de pesquisadores, que desejam desvendar a história urbana da capital. No que se refere ao bairro Jacarecanga, a historiografia produzida sobre este é escassa, mas muito citado em obras de autores que se debruçam ao estudo da cidade de Fortaleza, como Ponte (2010), Silva (1992), Linhares (1992), Lopes (2011), Leitão (2015), Jucá (2003), Castro (1977), Andrade (2012), dentre outros.

Hoje o referido bairro está completamente interligado à área urbana da cidade de Fortaleza, passando da condição de área chacarística de meados do século XIX para lugar eminentemente residencial de elite nas primeiras décadas do século XX, após isso, local de caráter heterogêneo, abrigando indústrias, lojas comerciais e de serviços, além de inúmeras repartições públicas que acabaram por conferir ao bairro uma nova configuração.

A intensificação da especulação econômica e imobiliária, bem como as demolições dos antigos casarões no Jacarecanga para a construção dos condomínios e as constantes reformas para a adequação aos novos usos das arquiteturas remanescentes irão redesenhar novas paisagens urbanas e novos referenciais mentais serão formulados nas lembranças individuais e coletivas, tendo na duração do espaço o elo entre o patrimônio e a memória. Percebemos isso pela formação da Associação Amigos do Jacarecanga (SAJA) e também pelo desejo de seus antigos moradores pela manutenção dos vestígios de décadas passadas.

METODOLOGIA // METODOLOGÍA

XIII ENCONTRO INTERNACIONAL DE DIREITOS CULTURAIS

As fontes que foram utilizadas vão desde documentos oficiais a fontes orais, passando também pelas imagéticas e hemerográficas. Optamos pelo uso de entrevistas ou relatos de memória pelo fato de os mesmos aproximarem o historiador de seu objeto de estudo de maneira particular, permitindo também que o pesquisador possa, além de interpretar, construir as suas próprias fontes. O critério de seleção de nossos entrevistados deu-se pelo mapeamento dos antigos moradores do bairro e dos integrantes da Sociedade Amigos do Jacarecanga (SAJA) com o objetivo de investigar a maneira pela qual eles perceberam as mudanças ocorridas no bairro e o porquê de surgir o sentimento de conservar certos bens edificados deste espaço.

Documentos oficiais da Secretaria de Cultura de Fortaleza também tiveram sua importância. Os pedidos de tombamento de imóveis do bairro, as atas do Conselho Municipal de Patrimônio Histórico e Cultural (COMPHIC), o decreto emitido pela Prefeitura de Fortaleza que anuncia o título de relevante interesse cultural do bairro Jacarecanga e a própria declaração serão utilizadas a fim de que analisemos como se deu esse processo de reconhecimento do bairro como espaço a ser protegido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO // RESULTADOS Y DISCUSIÓN

O bairro Jacarecanga, espaço situado na zona oeste da cidade de Fortaleza, limita-se com os seguintes bairros: Centro, Moura Brasil, Farias Brito, Monte Castelo, Carlito Pamplona e Pirambu. O bairro Jacarecanga, ou “cabeça de jacaré”, como é conhecida etimologicamente a palavra, vem ao longo da história de Fortaleza demonstrando sua relevância enquanto lugar de memória. Esta região abrigou e ainda abriga, mesmo que muito descaracterizados, imóveis e instituições públicas e religiosas de fundamental importância, que contam uma parte da história do bairro e também da cidade de Fortaleza. Ao discutir a “cidade como texto”, José D’Assunção Barros expõe o seguinte:

[...] de múltiplas maneiras o próprio espaço e materialidade de uma cidade se convertem em narradores da história. Diante dessa percepção da cidade como uma escrita que tem algo a dizer, surgiu concomitantemente um esforço de conservação do patrimônio arquitetônico que encontra uma de suas impressões nos tombamentos históricos. Os monumentos e as construções antigas passam a ser considerados, nestes casos, como registros da memória coletiva. Fragmentos de textos, enfim que a comunidade ou aqueles que ela designou para representá-los não desejavam ver apagados no processo de incessante reescrita do texto urbano. (BARROS, 2012, p.42)

XIII ENCONTRO INTERNACIONAL DE DIREITOS CULTURAIS

O fragmento acima vai de encontro com nosso objeto de estudo, uma vez que nos deteremos a analisar o caso do reconhecimento do bairro Jacarecanga como um espaço de relevante interesse cultural para seus moradores e para a cidade, anunciado por meio de decreto pela Prefeitura Municipal de Fortaleza. Mas que processo foi esse? Por que o Jacarecanga? Por qual motivo que da década de 1990 em diante uma associação de bairro e antigos moradores começam a tomar consciência de se preservar os bens edificados do espaço?

O ato de elaboração de um documento que regulamenta as medidas de proteção do acervo arquitetônico deste local da zona oeste está vinculado à intenção de guardar e produzir determinada memória. Na temporalidade pesquisada, 1994-2012, percebo que a luta ou insistência de uma associação de bairro aliada com os avanços das políticas públicas ligadas à preservação do patrimônio histórico, em âmbito municipal e o próprio acervo arquitetônico foram fatores contribuintes neste processo.

“Jacarecanga: Despertar para preservar” é o título de um caderno especial dedicado aos bairros de Fortaleza, organizado pelo jornal *O Povo* de 8 de outubro de 1994, em que se buscou mostrar a importância do referido espaço para seus moradores e para a cidade. Vemos que o título da matéria nos é apresentado em tom de alerta, com a utilização das palavras despertar e preservar, mas despertar para quê? Preservar o quê? No trecho que segue, percebe-se como este espaço da cidade chega aos anos 90.

Berço de inúmeras famílias cearenses, o bairro de Jacarecanga deveria ser um dos mais tradicionais redutos de Fortaleza. Deveria, porque a realidade dos dias atuais é bem diversa. No lugar da conservação exigida, o que a cidade assistiu foi a um imenso processo de degradação. Hoje são poucos os sobrados que ainda resistem na área. Quase nada lembra a época em que a Praça Gustavo Barroso (Praça do Liceu) não passava de um areal usado como campo de futebol pela garotada do local, nas décadas de 20/30. Pouco mais de 60 anos que parecem séculos frente à tristemente famosa curta memória cearense. Como que servindo de contraponto a esse desprezo pelo passado, o antigo Jacarecanga sobrevive saudosamente na memória daqueles que tiveram o privilégio (sim, morar próximo ao Liceu do Ceará já foi um privilégio) de conviver naquelas ruas tranquilas, em meio a espaçosos casarões e muito verde. Quem ali viveu, não esquece as concorridas novenas de São Francisco que tinham como ponto alto a procissão do dia 04 de outubro. (O POVO, 09 de outubro de 1994).

No contexto em que se insere a referida matéria, entendemos que as dinâmicas históricas farão com que haja uma explicação para as preocupações em torno da memória e dos bens edificados deste espaço. O bairro Jacarecanga, tradicional reduto de casarões e sobrados

XIII ENCONTRO INTERNACIONAL DE DIREITOS CULTURAIS

históricos, apesar de acervo arquitetônico, sofreria no início da década de 1990 com o crescimento urbano desordenado pelo qual Fortaleza passou e ainda passa. Da bucólica área residencial da década de 1940, o bairro cresceu e expandiu-se. Estabelecimentos comerciais disputam cada metro quadrado com os antigos moradores que ainda persistem no local. Fortaleza na década de 1990:

[...] apresenta um duplo fenômeno. De um lado, as grandes transformações urbanísticas, que já se anunciam desde a década de 70, [...]. De outro lado, discursos sobre a conservação de espaços e monumentos apontam a necessidade de resguardar a “história da cidade. (BARREIRA, 2003)

De acordo com a autora, Fortaleza, no decorrer da década de 1990, passou por um processo de mão dupla em que, de um lado predominava a ideia de transformação modernizadora atrelada à aceleração das mudanças advindas com o crescimento urbano e, de outro, os discursos em defesa da conservação da memória e da história da cidade, por meio de seu patrimônio arquitetônico. Este processo que Irllys Barreira nos relata pôde ser percebido no bairro Jacarecanga no início da década de 90, quando se percebeu a mobilização de alguns moradores do espaço para a criação de uma associação que se preocupa com a proteção dos vestígios arquitetônicos contidos no espaço.

A cidade de Fortaleza dita moderna entra em oposição a uma urbe sem condições de infraestrutura básica, evidenciando, assim, suas marcas de desigualdades, que irão compor o quadro de conflitos sociais motivadores de articulações da população que se sentia, cada vez mais, excluída. Diante de tal contradição, alguns processos urbanos emergiram no cenário público da cidade, como os movimentos sociais urbanos, sendo as associações de bairro, nas últimas décadas, exemplos significativos. Segundo a definição de Gohn (1995, p.44), os movimentos sociais são:

ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de: conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo.

Percebe-se aqui que para Gohn, o movimento social irá caracterizar-se pela adesão de um grupo de pessoas que possuem um propósito em comum, possibilitando a criação de uma

XIII ENCONTRO INTERNACIONAL DE DIREITOS CULTURAIS

identidade comum ao movimento, em que a base para sua formação serão os valores culturais e políticos dos seus participantes. No livro “A era dos direitos”, Bobbio destaca que os direitos do homem é uma classe variável, pois com a mudança das condições históricas, dos interesses, das classes no poder, das transformações técnicas, etc, o arcabouço dos direitos do homem se modificou, e continua ainda em constante transformação. Ao analisar a expressão “direitos do homem”, Bobbio nos alerta que hoje os direitos ditos humanos são o produto não da natureza, mas da civilização humana. Refere-se à expressão como sendo direitos históricos, assim, eles são mutáveis e suscetíveis de transformação.

As reflexões de Bobbio nos possibilitam refletirmos o conceito do que vem a ser os direitos humanos na perspectiva da memória e do patrimônio, deixando claro que ao abordarmos este conceito não podemos resumi-lo e dizer que são direitos naturais, pertencentes a todo indivíduo, mas é necessário lutar por esses direitos, para que seu exercício garantam o aprimoramento da pessoa humana e como consequência, o desenvolvimento da humanidade e foi isso que aconteceu com o caso da Associação Amigos do Jacarecanga em prol da luta pela memória do bairro Jacarecanga.

Segundo Scifoni (2003), a partir das mobilizações a favor da preservação de bens culturais, os sujeitos da preservação buscarão resguardar as condições dos espaços de vivência e de uso cotidiano: como um bairro inteiro ameaçado pela expansão da verticalização ou um lugar de importância simbólica que pode deixar de existir substituído por um novo empreendimento comercial.

A referida autora destaca que foi sobretudo nos anos 1980, com a sociedade brasileira vivendo o período de redemocratização, que surgiram movimentos pró- tombamento, estes ganhando mais força, com a presença constante nos meios de comunicação. Um exemplo disso foi a cidade de São Paulo, onde, a partir de 1983, constituíram-se várias associações com tal fim e que levaram, alguns anos depois, ao tombamento de bens, demonstrando que determinados grupos sociais começaram a se reconhecer como sujeitos da preservação. Conseguimos identificar, em Fortaleza, um caso específico similar.

Em um caderno cultural organizado em 1994, pela Prefeitura de Fortaleza, intitulado *Jacarecanga*, que reúne memórias de antigos moradores do espaço em entrevistas feitas em 2014 com seis moradores antigos, percebe-se o quanto a história do Jacarecanga ficou enraizada

XIII ENCONTRO INTERNACIONAL DE DIREITOS CULTURAIS

na memória dessas pessoas. A descrição do ambiente do bairro da década de 1930 em diante, na fala dos depoentes, possui um tom nostálgico, em que são lembrados os bons tempos vividos no bairro e as lembranças das residências de estilo europeu que foram destruídas.

Entre os moradores, prepondera a representação do Jacarecanga como bairro nobre, de elite, familiar, termos fortemente associados na publicação e nas entrevistas, que vai perdendo suas características com as dinâmicas do tempo, como se pode observar a seguir.

1994. Jacarecanga já não é a mesma... restam poucas relíquias e muitas saudades! O aspecto do bairro mudou completamente. O tempo e as intempéries financeiras não respeitaram a beleza das residências, muitas desapareceram, dando lugar a prédios modernos, verdadeiros espigões, sem nenhuma criatividade, tudo quadrado, geometricamente feitos... A Praça do Liceu desfigurada, o comércio invadindo o aconchego familiar... Uma pena! [...] somos um povo sem memórias, destruímos nosso patrimônio e com ele nossa história. [...]²

[...] Era muito bom o Jacarecanga, era bairro mais chique daqui, era Jacarecanga e Benfica, o Benfica era dos Gentil que morava tudo pra lá, agora hoje começaram tudo ir pra Aldeota, as minhas filhas pejam pra eu ir pra lá. Vou morrer aqui, meu marido morreu aqui, o cemitério é aí bem pertinho. [...]³

O Jacarecanga foi acabando-se porque os jovens nascidos das raízes, não se interessaram mais. Se interessaram pela Aldeota, deixaram seu patrimônio, suas casas antigas se deterioraram.⁴

Esta sensação de perda percebida nos relatos de nossos depoentes, de um Jacarecanga que foi e não é mais, é o sentimento que permeia em um grupo de moradores que fundaram uma associação que se estabeleceu no bairro. No ano de 1994, no jornal *O Povo*, temos o indicativo da movimentação de alguns moradores que, desde 1992 se organizam em defesa deste bairro, cuja principal pauta é a defesa do patrimônio arquitetônico do espaço.

Em 1992, um grupo de amigos moradores do Jacarecanga começou a se reunir e discutir os principais problemas do bairro. As preocupações estavam voltadas principalmente para o resgate da memória do bairro e a luta pela cidadania. Passados dois anos de encontros e debates, a equipe decidiu ampliar os trabalhos e estendê-los a toda a comunidade. Resolveu instalar a Fundação Sociedade dos Amigos de Jacarecanga, uma entidade não governamental que está em fase de implantação. (O POVO, 08 de outubro de 1994)

A instalação da Sociedade Amigos do Jacarecanga (SAJA), segundo o jornal, nasce de uma antiga proposta dos moradores do bairro como um meio permanente de encaminhar suas reivindicações, e a adoção de medidas por parte das autoridades responsáveis pelas áreas de segurança e saneamento e de proteção ao patrimônio histórico e cultural.

² JACARECANGA. Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, 1994, p.7 – 8.

³ Trecho da entrevista com Maria Cléa Philomeno Gomes, realizada em 20 de outubro de 2014

⁴ Trecho da entrevista com José Maria Pinheiro Pompeu, realizada em 27 de outubro de 2014

XIII ENCONTRO INTERNACIONAL DE DIREITOS CULTURAIS

Inicialmente, o grupo era formado por 17 amigos. Em 1994, o grupo cresceu e contava com a participação de um número expressivo de pessoas do bairro. O movimento pela revitalização e preservação do bairro Jacarecanga ficou mais articulado com a ida do jornal *O Povo* ao bairro, pois publicou, naquele ano, um especial sobre os bairros da cidade e nos dias 05, 06 e 07 de outubro, o bairro da vez foi o Jacarecanga. A equipe do referido jornal escudou, durante estes dias, seus moradores e suas demandas, resultando em um caderno especial que abordou diversos aspectos do local.

A associação utilizou-se de estratégias pontuais na década de 1990 para sensibilização de seus moradores para com os problemas que bairro passava, como a elaboração e distribuição de jornal que circulava no bairro com o intuito de divulgar as ações em prol da revitalização do bairro e também incentivar a participação de vários setores da sociedade local neste processo, como se vê neste informativo de 25 de junho de 1997.

O objetivo é preservar - histórica e culturalmente - aquele que já foi um dos principais bairros da nossa cidade. Na realidade, boa parte da história de Fortaleza passa pelo Jacarecanga. Foi aqui que surgiram as primeiras vilas operárias (Vila São José, que existe até hoje) e o Liceu do Ceará (por onde passaram inúmeras personalidades). O Jacarecanga serviu de residência para governadores, reitores e outras autoridades. [...] A vida social era intensa com festas populares - como o São João ou o Pau da Bandeira - misturando-se com o luxo da aristocracia residente, que deixou vários prédios de arquitetura invulgar. Algumas destas construções estão tombadas, mas não estão sendo preservadas. Concretamente, tudo está sendo destruído pelo tempo. É com este espírito que este grupo vai continuar se reunindo. Você, que mora, morou, estudou, trabalhou ou tem algum tipo de identificação com o bairro, não deve deixar de comparecer. E mais: se você possui fotos, jornais ou revistas antigas, ou quaisquer outros materiais a respeito do Jacarecanga, é hora de ajudar a escrever a história deste local. Pense nisso e entre neste movimento você também!

Percebemos, por meio dos documentos cedidos pela associação (atas das reuniões, abaixo-assinados reivindicando melhorias no bairro, principalmente no que se refere à proteção dos bens arquitetônicos e as solicitações de tombamentos feitas nos órgãos de cultura da cidade) e pelas entrevistas de dois membros fundadores da associação, que ações da entidade ampliaram-se e ganharam maior contorno nos anos 2000, como informa o Sr. Moysés:

Eu passei 5 anos fora do bairro e quando voltei restou praticamente eu só. Então reuni os principais, sobretudo a antiga presidente que era Goretti Quintella e com ela nós resgatamos em 2001 ou 2002 por aí assim, a sociedade. Fomos à Receita Federal, legalizamos e procuramos dar vida a ela através de projetos, mas é difícil quando a instituição é pobre de pessoas, como foi o nosso caso. Depois, procuramos agregar forças e constituímos uma nova diretoria e hoje ela está funcionando lá na paróquia dos navegantes, numa rua que me falha à memória

XIII ENCONTRO INTERNACIONAL DE DIREITOS CULTURAIS

no momento. Procura desenvolver pequenos projetos, dá curso de inglês, dá curso de artes marciais, dá cursos de música.²⁵

Depois de registrada, com a criação de um CNPJ e regimentada pelo um estatuto, a associação encontraria um canal de reivindicação, em âmbito municipal, a Secretaria Municipal da Cultura de Fortaleza, para solicitações de tombamentos de imóveis do bairro. Ao consultarmos os processos de solicitações de tombamento junto aos arquivos da secretaria, todos propostos pela SAJA, encontramos como maior justificativa para o ato a preocupação em garantir a ambiência do bairro frente a uma lógica de produção do urbano, manifestada pelo avanço da especulação imobiliária que põe em risco a existência de bens de relevante caráter histórico para a cidade de Fortaleza e para o bairro.

CONCLUSÃO // CONCLUSIÓN

O desaparecimento de antigas residências no bairro Jacarecanga para dar espaço a novos edifícios que passaram a dominar a paisagem, fez com que a partir de 1994 se preponderasse em um grupo de moradores do local um sentimento de perda de referências urbanas importantes para a história da cidade. Dali surgiria um movimento em defesa do bairro, com a fundação da Sociedade Amigos do Jacarecanga (SAJA), que se reuniu para discutir alguns problemas pelos quais o bairro passava na época, mas tendo como o foco o resgate da memória do espaço através da conscientização da comunidade local e da sociedade em geral, para com a preservação dos ainda existentes vestígios arquitetônicos do local.

Durante a década de 1990, a associação, de forma pontual, tenta se organizar e se articular no processo de defesa do espaço, seja por meio de denúncias, por meio de jornais, reuniões com moradores locais, distribuição de informativos acerca da importância histórica dos bens, etc. A SAJA utilizaria, nos anos 2000, como estratégia de reivindicar a proteção da memória do bairro, as solicitações dos pedidos de tombamentos de diversos bens junto à Secretaria. Em 2012, o dispositivo encontrado para atender à demanda da associação foi utilizar-se do instrumento previsto na lei de patrimônio do município, a Declaração de

XIII ENCONTRO INTERNACIONAL DE DIREITOS CULTURAIS

Relevante Interesse, fato este que não gerou contentamento por parte da associação, devido a esse documento não possuir valor de tombamento. Podemos concluir que dentro do processo de reconhecimento do bairro como bem de relevante interesse, foi de excepcional importância a luta dessa associação de bairro, que se iniciou ainda na década de 1990 e se estende até o momento da emissão desse reconhecimento pelo Decreto publicado em Diário Oficial do Município em 10 dezembro de 2012.

Mesmo que o acervo do bairro, ainda hoje, não se encontre protegido pelo dispositivo do tombamento, a emissão do documento foi um primeiro passo para que o poder público venha a pensar estratégias de preservação eficazes para aquele espaço, como o tombamento em conjunto, por entendermos que o mesmo se constitui como importante referencial para memória da cidade de Fortaleza.

REFERÊNCIAS // REFERENCIAS

- ANDRADE, Margarida Julia Farias de Salles Andrade. **Fortaleza em perspectiva histórica: poder e iniciativa privada na apropriação e produção material da cidade (1810-1933)**. 2012. 234f. Tese (Doutorado - Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAUUSP. São Paulo, 2012. ok
- BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2012. ok
- BARREIRA, Irllys Alencar. **O Reverso das Vitrines: conflitos urbanos e cultura política em construção**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992. p. 42. ok
- BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho; apresentação de Celso Lafer. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. 7ª reimpressão. ok
- CASTRO, José Liberal de Castro. **Fatores de Localização e de expansão da cidade de Fortaleza**. Fortaleza: UFC, 1977. ok
- FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

XIII ENCONTRO INTERNACIONAL DE DIREITOS CULTURAIS

FONSECA, Cecília Londres. **O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil.** Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 2005.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos e lutas sociais na história do Brasil.** São Paulo: Loyola, 1995. ok

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

HARTOG, François. Tempo e patrimônio. **Varia História**, Belo Horizonte, PPGHis-UFMG, v. 22, n. 36, jul./dez. 2006, p. 261-273.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960).** 2.ed. São Paulo: Annablume, 2003. ok

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 5.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LEITÃO, Cláudia. **Jacarecanga.** Fortaleza: Secultfor, 2015. ok

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, PUC-SP, n. 10, 1993, p. 7-28.

LINHARES, Paulo. **Cidade de Água e Sal: por uma antropologia do litoral Nordeste sem cana e sem açúcar.** Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1992. ok

LOPES, Marciano. **Royal Briar, a Fortaleza dos anos 40.** Fortaleza: Armazém da Cultura, 2011. ok

NOTTINGHAM, P. C. **Tempos Verdes em Fortaleza: Experiência do Movimento Ambientalista (1976-1992).** 2006. 210f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza: 2006. ok

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930).** 4.ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2010. ok

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral.** Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

SCIFONI, Simone. Patrimônio Cultural e Lutas Sociais. **Espaço & Geografia**, v. 16, n. 2, 2013.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 1, p. 109-130, jan./abr., 2006. ok

XIII ENCONTRO INTERNACIONAL DE DIREITOS CULTURAIS

SILVA, José Borzacchielloda. **Quando os incomodados não se retiram:** uma análise dos movimentos sociais em fortaleza. Fortaleza: Multigraf Editora, 1992. ok